



Seminário em homenagem ao professor Emanuel Bouzon

Giselle Marques Camara

Maat: O princípio ordenador do cosmos egípcio

A dimensão do simbolismo expressado pelo que a intelectualidade moderna convencionou designar como “a deusa *maat*” do Antigo Egito Faraônico será dificilmente traduzida em breves palavras desse pretensioso ensaio. Seu simbolismo constitui um dos alicerces fundamentais para a construção de uma sólida reflexão sobre o pensamento e a estruturação social do povo que se enraizou durante milênios em ambas as margens de quase toda a extensão do rio Nilo. A “deusa” *Maat*, ao contrário de seus “deuses-irmãos” que encerram atributos específicos, é dificilmente traduzida, pois além de ser descrita como um princípio inerente à criação cósmica, permeia tudo o que está contido no universo, tal como os egípcios o compreendiam. Partiremos, então, de um entendimento comum entre os egiptólogos modernos, o de que a deusa encerra em si o princípio da justiça e da verdade absolutas, e acima de tudo, o princípio da própria ordenação e, portanto, condição de existência de todo o *cosmos*.

É inevitável tomar um dos mais recorrentes e importantes mitos criacionistas como ponto de partida para a compreensão da divindade aqui em questão. O foco de análise recai sobre os textos referentes à cosmogonia de um dos mais tradicionais, quicá o mais antigo, centro religioso do Império Faraônico, assentado na cidade de nome grego Heliópolis, e de nome

egípcio *Iunnu*, localizado atualmente ao norte do Cairo, no Baixo Egito¹. Vale ressaltar que, as denominadas Escolas de Mistério do Antigo Egito eram grandes centros de produção de conhecimento teológico sem, no entanto, se prestarem à função de centros normatizadores de pretensas “concepções religiosas universais”. Ou seja, os mitos da criação variavam de escola para escola, ainda que alguns fossem mais destacados pela Antiguidade e tradição do seu clero, como a escola de Heliópolis (2780 – 2300 a.C.), por exemplo. Não existiam textos oficiais, porém apesar da enorme heterogeneidade das práticas míticas e ritualísticas, tais manifestações religiosas sempre se remetiam a questões que convergiam para estruturas míticas elementares, que conferiam um caráter específico ao pensamento mitológico do Antigo Egito².

A primeira questão a se colocar, trata-se de um resumido entendimento do movimento inicial da criação cósmica egípcia, onde a divindade em questão, que aparece primeiramente referida na cosmogonia não propriamente como uma deusa, mas como um atributo da deusa *Tefnut* (integrante do primeiro par divino surgido no cosmos), já assume a significação de *ordem (maat)*. Foi somente a partir da Terceira Dinastia faraônica, que *Tefnut* passa a ser sincretizada com o seu próprio atributo, que assume a forma da deusa *Maat*, e passa a ocupar, a partir de então, um lugar privilegiado tanto nas mais altas práticas ritualísticas sacerdotais, como nas práticas sociais cotidianamente presentes na vida dos homens egípcios. Começemos, então.

Segundo a concepção criacionistas dos antigos egípcios, antes do desenvolvimento de um cosmos estruturado, existia um oceano ilimitado de água inerte, imerso em trevas. Esse oceano era considerado uma entidade que precedia a todos os deuses, e a todas as coisas posteriormente criadas. Tal entidade designava-se por *Num*. Nunca foram construídos templos para essa entidade primeva, mas ela encontrava-se presente em todos eles: nos

¹ A terminologia Alto e Baixo Egito tivera sua origem no Antigo Egito, dividido territorialmente em dois reinos: o do norte compreendia todo o Delta do Nilo, e o do sul as terras que se localizavam logo abaixo dele e se estendiam até os limites de fronteira ao sul.

² Os textos aqui referidos tratam-se dos *Textos das Pirâmides*, descobertos em 1881, registrados nas paredes de pedra que compõe não só as câmaras mortuárias, mas também, as salas adjacentes a estas, de cinco pirâmides, em Sakkara (necrópole que se localiza ao sul do Cairo): as de Unas – último faraó da V Dinastia, Teti, Pepi I, Merenrê e Pepi II – todos da IV Dinastia (ambas com mais ou menos 2500 a.C.). Tais textos descrevem, minuciosamente, o ato da criação, bem como a trajetória humana, rumo à reincorporação com o seu centro criador.

lagos sagrados dos templos que simbolizavam a "não-existência", o estado de latência antes da criação.

No princípio, o deus *Atum*, considerado o "pai dos deuses", o "completo", "a residência do universo da luz", estava cercado por essa "densa escuridão infinita" (*Nun*), manifestando-se como uma bolha de claridade e ordem rodeada pela eterna noite do Oceano Primordial. *Atum* encontrava-se sozinho no universo, pois inerente a sua natureza, repousavam em estado de latência todos os deuses e deusas, ou seja, todas as energias criativas que só assumem suas formas e atributos no "vir-a-ser". *Atum*, na visão egípcia, era considerado "a grande mônada", pois toda a existência/diversidade era unidade no princípio, e todo o devir já estava programado de forma planejada e ordenada pelo único criador. Geralmente, os textos referem-se a esse deus no gênero masculino, mas, em realidade, como sintetizava toda a existência, era compreendido como o "grande ele-ela". Isso porque, como todos os princípios criativos presentes no cosmos egípcio, existiam duas polaridades que se complementavam, uma feminina – representada por uma deusa que simbolizava o estado de imutabilidade do cosmos – e uma masculina – representado por um "deus-irmão" que simbolizava as mudanças ocorridas no cosmos. A criação dos deuses só ocorria em pares que se complementavam. Veremos essa questão um pouco mais adiante.

O movimento da criação, portanto, acontece em três etapas: a primeira etapa compreende o estado de latência do cosmos, onde o mundo idealizado por *Atum* ainda não havia sido criado – "o não-ser"; o segundo movimento, o "vir-a-ser", compreende a primeira etapa da criação, que segundo o mito menfita, ocorreu devido à verbalização das idéias latentes, momento esse, em que *Atum* rompe com a escuridão do *Num*. A criação pelo verbo foi, portanto, o local de materialização, de realização e da possibilidade de existência, a ponte entre o "não-ser" (universo latente) e o "ser" (o universo criado); o terceiro, e último movimento foi o "ser", a existência, a criação dos primeiros pares divinos que se encarregaram de criar as condições necessárias para o surgimento da natureza e dos homens.

O primeiro movimento de existência foi a criação dos gêmeos *Shu* e *Tefnut*, que representam respectivamente, os atributos da "vida" e da "ordem". A organização básica do universo é, segundo a teologia heliopolitana, uma combinação da vontade de *Atum* em partilhar de sua essência com a criação desse primeiro par de deuses. Na verdade, tais deuses, já estavam presentes na intenção do Criador, e no momento do vir-a-ser, se colocam na dianteira do processo de criação.

Shu simbolizava o “sopro de vida”, enquanto *Tefnut* representava “o lugar de cada coisa no cosmos”. Os egiptólogos mais proeminentes encontram grandes dificuldades em estabelecer os atributos da deusa. O símbolo que a representa é um vaso, provavelmente sugerindo o útero feminino. Parece que os próprios egípcios tiveram dificuldades em transmitir a idéia contida em tal princípio, o que, supostamente possa os ter conduzido à substituição da deusa por seu atributo mais facilmente inteligível - o de ordenação cósmica - substituindo-o, alguns séculos posteriormente, pela deusa *Maat*.

A etimologia das palavras *Tefnut* e *Shu*, revela um padrão de complementaridade, pois a formação de sua estrutura silábica (não cabe aqui, discutir de forma aprofundada essa questão, apenas ressaltar um característica que é relevante para o presente estudo) se relaciona com o que os antigos determinavam como sendo palavras que assumem o caráter intrínseco de expressar idéias relacionadas à **imutabilidade** ou à **mudança**. Esse caráter inerente às palavras e ao seu lugar ocupado no capital simbólico do antigo Egito – o estático, e o dinâmico - parece nos princípios femininos como as noções de perfectibilidade, completude e imutabilidade. Enquanto as palavras de caráter masculino expressam o movimento da vida como dinâmica e recorrente. A ordem, a justiça e a retidão, tratam-se, por conseguinte, de princípios imutáveis, presentes desde sempre na constituição do cosmos egípcio.

O que se pretende atentar é, primeiramente, para o lugar que a deusa *Maat* ocupou na cosmogonia egípcia, que se tratou nada menos que, o próprio princípio encarnado da ordem regente do cosmos, ou seja, sua própria condição de sua existência e de seu funcionamento. Consequentemente, como princípio que rege e perpassa todos os elementos constituintes da natureza, ele se encontrou na base de toda estruturação política e social do império faraônico, conferindo governabilidade ao monarca, além de reger o comportamento individual do homem egípcio, pois, logicamente, foi a medida ética que orientou a conduta moral de seu comportamento. O egípcio não precisava obter essa energia de harmonia, pois ela não deve ser compreendida como algo externalizado da criação. A deusa é inerente a toda a natureza. Bastava-se, então, colocar-se em harmonia com ela (por si só um princípio absoluto, imutável), ou como os próprios egípcios diziam: “estar em *Maat*”. Portanto, essa energia deveria ser mantida e renovada diariamente através do zelo pelas coisas religiosas, espirituais e políticas (rituais diários, ensinamentos de cunho moral, o zelo político do faraó para com o seu povo).

No que diz respeito à *Maat* como princípio capaz de conferir coesão social, podemos vê-la manifestada por intermédio da figura do *faraó*, cujo papel consistia, antes de tudo, em zelar pela manutenção do equilíbrio Estado/Sociedade e Estado/Natureza. Sendo assim, o faraó era o representante máximo da humanidade, e por ela respondia perante os deuses: “A luz do céu se põe em harmonia com o Faraó/Para o Faraó, ela concilia a dualidade na harmonia/Para o Faraó, a obscuridade se põe em harmonia/A harmonia universal é o que é trazido ao Faraó/Ela é aquilo que ele vê e que ele ouve/A harmonia universal o precede e o acompanha./A harmonia universal lhe pertence.” (*Conto do homem do oásis*).

A manutenção ou o restabelecimento da ordem sobre a injustiça significa que, a cada ascensão de um faraó ao trono do Egito, a ordem estava (ou deveria estar) assegurada, com a renovação desse pacto de governabilidade. Vejamos o trecho do rito de ascensão ao trono, proferido pela rainha Hat-Shep-Sut (XVIII Dinastia – aprox. 1580 a.C.), no qual ela diz ter se colocado em harmonia com a deusa *Maat*.

*“Eu dei o máximo de valor à Regra (Maat).
Que o princípio divino o ama,
Eu sei que ele vive dela.
Ela é igualmente meu pão
Eu bebo seu orvalho,
Eu formo com ela um só ser.
Maat, a ordem social e perfeita,
Tanto da natureza como da sociedade,
Foi restabelecida como triunfo sobre a injustiça.”*

Para finalizar, vejamos como *Maat* atuava no plano moral e espiritual na formação cultural do homem egípcio. *Maat* pode ser compreendida, em termos de ordem mais pragmática, como um código de ética que deveria regulamentar o comportamento do homem egípcio, a fim de que finda a sua existência, o morto, perante um tribunal de deuses, dentre eles a deusa em questão, estivesse preparado para responder a uma série de questionamentos, cujo objetivo consistia em verificar sua retidão moral. O teor de tais máximas morais, não deve ser confundido com o caráter dogmático, que a ética assume em algumas religiões modernas. Obviamente, na construção histórica da sociedade, alguns ensinamentos, tomados de sábios e faraós, foram transmitidos de geração para geração, como os de Ptah-Hotep³, que

³ O Ensinamento de Ptah-hotep é um texto do Antigo Egito cujo autoria é atribuída a Ptah-hotep, vizir do rei Djedkaré Isesi da V dinastia. Os ensinamentos atribuídos a este vizir encontram-se registados de forma completa no Papiro Prisse (assim chamado devido ao egiptólogo

veremos logo abaixo. Vale ressaltar que, segundo o entendimento egípcio, cada homem deveria agir de acordo com o que dizia o seu próprio coração. Para tanto, o indivíduo necessitava estar sempre em harmonia com o órgão que representava a leveza da retidão cósmica. *Maat*, tratava-se de um princípio imutável inscrito no coração dos homens desde a criação. Se opor à ele, significava desarmonia, e consequentemente caos e sofrimento.

“Se encontrares um contendor em seu (melhor) momento, um homem humilde que não seja um teu igual, não o ataques por ser fraco. Deixa-o em paz, ele se refutará a si mesmo. Não lhe respondas

para aliviar teu coração, não laves teu coração contra teu oponente. Desprezível é aquele que humilha um homem humilde, (embora) cada um aja segundo seu coração”.

No âmbito da espiritualidade individualizada, a deusa *Maat*, constitui o corpo de deuses ou leis cósmicas com as quais os homens deveriam prestar contas, após a sua jornada terrena. Para exemplificar essa questão, veremos um trecho extraído do *Livro para Sair à Luz*⁴, que corresponde à terceira região do *Tuat*, ou seja, local onde o morto deveria prestar contas de seu comportamento enquanto vivo, perante os deuses do panteão egípcio. Esta terceira região, ou terceira câmara, era denominada *Câmara de Maat*, lugar em que o morto era julgado perante um tribunal constituído de 42 deuses, dentre eles o deus *Osiris*⁵, tendo o seu próprio coração pesado em uma balança, que simbolizava a deusa *Maat*. Para ser aprovado em seu julgamento, o morto teria que confessar ao deus Osíris, todos os bons e maus

francês Émile Prisse d'Avannes, que o encontrou na necrópole de Tebas no século XIX), datado do Império Médio (c. de 1900 a.C.) e que se encontra na Biblioteca Nacional de França. Há ainda mais dois papiros que possuem fragmentos do texto e que se encontram no Museu Britânico, datando do Império Médio e do Império Novo respectivamente; para além disso, a tábua Carnavon I no Museu Egípcio do Cairo possui igualmente um fragmento. Segundo o texto, Ptah-hotep, já de idade avançada, solicita ao rei a possibilidade de retirar-se do cargo. Ptah-hotep solicita igualmente que o seu filho o substitua, algo habitual na sociedade egípcia, onde se espera que o filho seguisse a profissão do pai. O rei aceita a proposta de Ptah-hotep, mas este deve transmitir os seus conhecimentos sobre a vida ao filho, o que funcionará como uma espécie de testamento moral. O texto divide-se num prólogo (no qual Ptah-hotep se apresenta perante o rei pedindo a sua reforma), nos ensinamentos (trinta e sete máximas) e num epílogo.

⁴ Nova denominação dada ao “Livro dos Mortos”. Tal obra consiste na jornada em que o morto realiza ao mundo do deus Osíris, onde deve atravessar um conjunto de catorze regiões – designadas *Tuat* –, cada uma com uma provação específica, a fim de que possa novamente renascer, fundindo-se a essência do deus criador, completando, assim, seu ciclo de existência no universo.

⁵ Representa no panteão egípcio a força criativa que liga à essência humana à essência do deus criador. Representa no tribunal dos deuses, o que o faraó representa para o seu povo. tribunal dos deuses, o que o faraó representa para o seu povo.

atos que cometera em relação aos seus semelhantes, a natureza, e as leis cósmicas, durante a sua vida. Caso mentisse, o seu coração o denunciaria, pois o coração penderia mais que a pena de *Maat*, seu contrapeso. Sendo o morto reprovado, ele não alcançaria o mérito de avançar no seu caminho rumo ao reino da eternidade. Vejamos alguns trechos em que o morto se refere ao deus Osíris:

*“Homenagem a Ti, ó Grande Deus, Senhor da Dupla Maat!
 (...) Em verdade me coloquei em harmonização Contigo e trouxe
 Maat em minha mente e em minha alma.
 Por ti destruí a maldade e não fiz mal a seres humanos!
 Não oprimi os membros da minha família!
 Não pratiquei o erro em lugar do direito e da verdade!
 Não convivi com homens indignos!
 Não exigi consideração especial!
 Não apresentei meu nome para o enaltecimento!
 Não privei de bens os oprimidos!
 Não fiz alguém passar fome!
 Não fiz alguém chorar!
 Não causei dor a seres humanos e a animais!
 Não adulterei os padrões de medida.”*

Para concluir essa reflexão, retomarei o movimento de criação cósmica, mas especificamente no momento do “vir-a-ser”, onde a criação se torna possível, pois todas as palavras proferidas pelo criador estão plenas do princípio da vida (*Shu*) e da ordenação (*Tefnut/Maat*). O mecanismo de funcionamento da sociedade egípcia, calcava-se, portanto, na reprodução diária, momentânea do ato do “vir-a-ser”, pois é exatamente nesse momento em que o movimento da criação se dá. E o lugar onde “o todo” se fragmenta, e que cuja organicidade é mantida graças ao princípio da deusa *Maat*, já que foge ao controle dos deuses quando o mundo é criado. A manutenção desse princípio é delegada, então, ao faraó (representante de todas as divindades nas terras do Egito - Espelho da Eternidade), aos sacerdotes (responsáveis pela reprodução diária de energia, através dos ritos) e de cada indivíduo comum, que deveriam submeter suas vidas diárias à retidão nascida do primeiro ato da criação.

Giselle Marques Camara

Mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio.
 Professora do Programa de Pós-graduação Latu Senso da Uerj
 Professora do Colégio de São Bento, de História Antiga da
 PUC-Rio

Bibliografia:

- Araújo**, Emanuel. *Escrito para a eternidade - literatura no Egito faraônico*. Brasília, UNB, 2000.
- Budge**, E. A., Wallis. *O Livro Egípcio dos mortos*. São Paulo, Pensamento, 1999.
- Castel**, Elisa. *Los sacerdotes del Antiguo Egipto*. Madri, Alderabán, 1998
- Clark**, R. T. Rundle. *Mitos e Símbolos do Antigo Egito*. São Paulo, Hemus, 1992.
- Donadoni**, Sérgio (org.). *O homem egípcio*. Lisboa, Ed. Presença, 1990.
- Faulkner**, R.O. *The Ancient Egyptian - Book of the Dead*. London, British Museum Press, 1996.
- Hart**, George. *Mitos Egípcios*. São Paulo, Editora Morais, 1992.
- Jacq**, Christian, *A sabedoria viva do Antigo Egito*. Rio de Janeiro, Bertran Brasil, 1999.
- O mundo mágico do Antigo Egito*. Rio de Janeiro, Bertran Brasil, 2001.
- Johnson**, Paul. *A História Ilustrada do Egito Antigo*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2002.
- Manzanares**, César Vidal. *Cuentos del Antiguo Egpito*. Barcelona, Martínez Roca, 1998
- Quirke**, Stephen. *The cult of the Ra: Sun-worship in Ancient Egypt*. London, Thames and Hudson, 2001.
- Shafer**, Byron E (org.). *As religiões no Egito Antigo - deuses, mitos e rituais domésticos*. São Paulo, Nova Alexandria, 2002.
- Shaw**, Ian; Paul Nicholson. *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*. London, British Museum Press, 1997.
- Traunecker**, Claude. *Os deuses do Egito*. Brasília, UNB, 1995.
- Trigger**, B. G; B. J. Kemp; D. O'Connor, A. B. Lloyd. *Ancient Egypt - A social History*. Cambridge, Cambridge University, 1999.